



GNÓSTICA

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL

Tradição: Huiracocha

Patriarca: Tonapa



ANO IV - N.º 38

Arcanjo da Estação Outono: MIGUEL


Maio 2006

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.

Home page: <http://www.fra.org.br/> Email: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

As Sete Leis do Kybalion

 Kybalion, uma das fontes inexauríveis do saber, no Egito Antigo, é realmente um arquivo, uma coletânea dos princípios básicos da Ciência Hermética.

Nele está condensada a totalidade dos conhecimentos que os atlantes legaram aos ameríndios e estes aos indianos que os transmitiram, mais tarde, aos egípcios, mestres dos Gregos, por sua vez, mestres dos Romanos.

Nessa Enciclopédia Religiosa, Filosófica e Científica, fala-se das leis do Absoluto, isto é, das sete leis do Kybalion.

E destes sete princípios fundamentais da velha SABEDORIA INTEGRAL, levados à Índia pelos Maia-Quichés, que me vou ocupar, rápida e sumariamente, no presente artigo.

“Tudo é pensamento. Tudo é espírito. O espírito é tudo.”

É a primeira lei do Kybalion. A lei do mentalismo, como dizem os livros contemporâneos.

De fato, no Universo, em toda a natureza e em todos os seres, só o ESPÍRITO é evidentemente imutável,

porquanto, a mutabilidade da matéria (MAYA) é um fenômeno cósmico e biológico, ao inteiro alcance dos nossos sentidos físicos.

Esta é a lei primordial e dela, com efeito, derivam todas as outras.

“O que está em cima é análogo ao que está em baixo”.

Assim estabelece a segunda lei, uma das mais conhecidas da Ciência Hermética. É a lei de analogia, de relatividade, a lei universal dos semelhantes, que permitiu aos sábios desse remotíssimo passado partir, com segurança, do conhecido para o desconhecido e do visível para o invisível.

Foi esta lei que facultou, ao entendimento humano, a concepção nítida de muitas verdades que, ainda hoje, escapam à percepção vulgar da humanidade. Foi esta lei que deixou entrever as equivalências existentes entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande e conduziu esses sábios, que não dispunham da complicada aparelhagem dos laboratórios hodiernos, a afirmarem que os sistemas atômicos são análogos aos sistemas astronômicos.

Foi esta lei que fez Pitágoras dizer aos seus discípulos “conhece-te a ti e conheceréis os Deuses e o Universo”

Foi esta lei, ainda, que revelou o conhecimento exato da constituição do

homem e dos respectivos planos do universo, porque, como ensina a velha sabedoria integral, “o Visível é a condensação do Invisível”.

Esta verdade é, absolutamente incontestável.

“Tudo vibra, postula a terceira lei”.

A própria Ciência Oficial, através dos seus clássicos processos positivos, concluiu que Matéria, Energia, Vida, Luz Pensamento e todos os fenômenos psíquicos e para-psíquicos, como denomina as manifestações do Espírito, resultam da propagação de ondas ou movimentos rítmicos e cíclicos do éter (tatwas), como os indianos cognominam as vibrações do AKASHA, o éter amorfo, a matéria pré-cósmica.

Não há nada imutável nas amplitudes do infinito manifestado. Os átomos, como os astros, o infinitamente pequeno, como o infinitamente grande, não escapam ao dinamismo cósmico, ao transformismo universal.

Desta grande lei procedem as forças de atração e repulsão, que, conforme o meio em agem, é coesão ou expansão, amor ou ódio.

Do estudo minucioso desta lei apuraram os Mestres da Sabedoria Integral que “As vibrações harmônicas associam-se mutuamente e que a repetição dessas vibrações aumentam-lhes, de modo incalculável, o grau de potencialidade e de expansão”.

A música reafirma o acerto desta proposição. A música e a vocalização perfeita de certas sílabas ou palavras.

De fato, as vibrações orais, os mantras, não atuam, somente no mundo objetivo. Agem, também, no mundo subjetivo. Vão do plano físico aos planos mais sutis do universo.

A palavra sagrada – AUM – emitida, conforme os ensinamentos ocultos, é a maneira mais energética de projetar e propagar as nossas mais íntimas

vibrações. **“Tudo é duplo. Em tudo há dois pólos contrários”.**

É a quarta lei do Kybalion, designada pela Ciência Oficial sob a denominação de POLARIDADE.

Analisando esta lei, verificaram os antigos que entre o pólo positivo e o pólo negativo existe um ponto neutro. Entre a atração e a repulsão, por exemplo, surge o equilíbrio. Entre dois termos opostos, o meio termo. Entre a luz e a treva, a penumbra.

Daí a conclusão de que, no mundo da terceira dimensão, no mundo da relatividade, a Terra, toda a doutrina ou principio absoluto, radical, extremista não corresponde às condições características dos respectivos seres. A anarquia, a desordem, a babel em que, sob todos os pontos de vista, a humanidade, presentemente, se debate, não tem outra origem lógica e racional.

Submetendo o homem ao critério desta lei magna, verificaram que o pólo positivo está no seu SUPERCONSCIENTE, o negativo, no INCONSCIENTE e o ponto neutro, o equilíbrio, o meio termo, no CONSCIENTE.

Diz a sabedoria integral que realmente, só existe o pólo positivo, porquanto, o negativo é, apenas, uma sombra do positivo.

A soma dos positivos representa o TODO e a dos negativos o NADA.

“Tudo no Universo é cadência e periodicidade”.

“É a quinta lei ou melhor a lei do ritmo universal.

Em artigo que tive ensejo de publicar, tratando do biorritmo, afirmei que todo fenômeno cósmico ou biológico, universal ou individual é regido pela grande lei do ritmo e do ciclo. Do cristal ao éter, da matéria mais coesa à mais expansiva, do infinitamente pequeno ao

infinitamente grande, do elemental ao homem, nada se exime á lei inevitável e onipotente, que é a conseqüência contínua de duas forças opostas ou contrárias, de uma ação que produz uma reação equivalente.

Todos os fenômenos físicos ou psíquicos, em última análise, são manifestações rítmicas e cíclicas, tempos de atividade e de inatividade (mavántara e pralaya) série de compassos, ondas de vibrações.

“Toda a causa tem um efeito e todo o efeito, uma causa”.

É a sexta lei que os santos gurus indianos designam sob o nome de CARMA.

O presente é fruto do passado e semente do futuro. Deste aforismo podemos concluir que não existe acaso e que todo o homem goza da faculdade de traçar o seu próprio destino.

A lei da causalidade, como é também conhecida, é o alicerce da EXPERIÊNCIA e, portanto, de toda a sabedoria integral. Dela com efeito, resultam as teorias, da reencarnação e da evolução, finalidade da vida.

“Em tudo existe um princípio masculino e um princípio feminino”.

É a sétima lei do Kybalion. É a lei dos sexos. Não no sentido material de instinto de procriação, mas na acepção metafísica que exprime essa dualidade de elementos opostos, porém análogos ou semelhantes, que se atraem, giram em torno uns dos outros, unem-se e como que se completam, em todos os planos de universo manifestado.

É esta suprema lei que nos conduz a concepção do GRANDE ANDRÓGINO, isto é, a união da SUPERCONSCIÊNCIA com a INCONSCIÊNCIA, da RAZÃO com o INSTINTO, do ESPÍRITO com a MATÉRIA, produzindo a CONSCIÊNCIA, o EGO, o verdadeiro HOMEM. São estas as sete leis do Kybalion, síntese

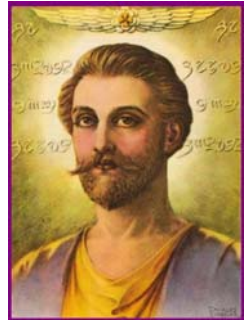
esotérica dos conhecimentos religiosos, filosóficos, científicos, os três caminhos que levam o INICIADO ao templo da VERDADE, sabedoria integral, transmitida pelos atlantes aos ameríndios e por estes aos povos do Oriente Asiático.

Foram tratados, rápida e sumariamente, porém, com a mais escrupulosa fidelidade.

**Domingos Magarinos
(Gnose julho 1936)**

**O CONDE
DE
SAINT
GERMAIN**

**III
(CONTINUAÇÃO)**



A evidência suprema do gênio do Conde foi, porém, seu

alcance e faro político sobre a situação da Europa. Causava surpresa ver como ele aparava os golpes de seus adversários políticos.

Por essa razão é que foi investido de várias missões secretas pelos governos europeus. Levava sempre, consigo, credenciais que lhe davam entrada nas rodas políticas mais intolerantes.

A Senhora Cooper-Oakley, em sua monografia intitulado: “O conde de Saint-Germain, O Segredo dos Reis”, dá uma lista dos nomes que aquela personalidade usou como disfarce entre os anos de 1710 a 1822. Escreve: “Durante aquele período temos o Marques de Saint-Germain como: Marquês de Montserrat, Conde Bellamore ou Aymão, em Veneza; Chevalier Schoening em Pisa; Chevalier Weldon em Milão e Leipzig; Conde Saltikoff em Gênova e Leghorn, Graf Tzarogy em Sachwalbach Iriesdorf; Graf Prince Ragoczy em Dresden; Conde de Saint-Germain em Paris, Haia, Londres e S. Petersburgo “.

É evidente que o Mestre Saint-Germain adotou estes nomes no interesse da política secreta, a missão principal de sua vida, segundo os historiadores.

O Conde Saint-Germain tem sido descrito como um homem de altura média, bem proporcionado de corpo e de feições, regulares e agradáveis, de tez um tanto trigueira. Seu cabelo era escuro embora, as vezes, fosse apresentado um tanto encanecido.

Vestia-se de preto, com grande simplicidade. Aparentemente, adorava os diamantes. Usava-os em anéis, no relógio, na corrente, na caixa de rapé e nas fivelas. Certo joalheiro avaliou em 200.000 francos o valor de seus sapatos.

Não tinha rugas e era livre de qualquer enfermidade; não comia carne e não bebia vinho. Poucas vezes comia na presença de outrem.

Embora fosse considerado charlatão e impostor pelos nobres da corte, Luís XV o tinha em elevada consideração. Tanto assim que repreendeu severamente um cortesão que lhe fizera uma observação deprimente a seu respeito.

Tão notável personalidade tinha ainda o poder extraordinário de adivinhar, até nos mínimos detalhes, as perguntas de seus inquisidores, antes de serem feitas. Por meio de uma faculdade semelhante à telepatia, podia sentir quando sua presença era necessária em algum estado ou cidade distante. Conta-se que ele aparecia de surpresa na casa de seus amigos, sem se ter valido do recurso de abrir a porta para entrar. Saía do mesmo modo.

A respeito de suas intermináveis viagens, escreveu Una Birch: “As viagens do Conde Saint-Germain estenderam-se por um período longo de anos. Desde a Pérsia até a França, de Calcutá a Roma ele era conhecido e respeitado. Horácio Walpole palestrou com ele em Londres no ano de 1745; Clive conheceu-o na Índia em 1756; Madame d’Adhemar afirma tê-lo encontrado em Paris no ano de 1789, cinco anos após sua

suposta morte. Outros pretendem tê-lo conhecido no princípio de século décimo nono.” Viveu sempre em íntima familiaridade com os soberanos da Europa e era amigo de todas as personalidades de destaque daquela época.

Nas cartas e “memórias” daqueles anos ele era mencionado sempre como homem misterioso. Frederico, o Grande, Voltaire, Madame de Pompadour, Rousseau, Walpole e Chatham rivalizavam-se em curiosidade acerca de sua origem. Ninguém, porém, atingiu o objetivo. Durante muitas décadas ele ora surgia como agente jacobino em Londres, ora como conspirador em St. Petersburgo, ora como alquimista e crítico de pintura em Paris, ou como general russo em Nápoles.

De quando em quando erguia-se a cortina que encobria sua vida íntima e podia-se surpreendê-lo tocando violão na sala de música de Versalhes, palreando com Horace Walpole em Londres, lendo na biblioteca de Frederico, o Grande, em Berlim, presidindo as reuniões de iluministas em cavernas da margem do Reno.

O Conde de Saint-Germain tem sido considerado como figura preeminente nas primeiras atividades franco-maçônicas. Entretanto, esforços inúmeros têm sido feitos para desacreditarem suas filiações maçônicas.

Terminando um artigo sobre a personalidade indecifrável do Conde de Saint-Germain, Sir Andrew Long escreve: “Terá o Conde de Saint-Germain morrido de fato em 1780 – 1785, no palácio de Príncipe Carlos de Hesse? Teria escapado da prisão onde Grosley o julga ter visto durante a revolução? Seria ele o Lorde Lytton? Teria sido ele o misterioso conselheiro do Dalai Lama? Quem sabe? Ele é o fogo fátuo dos escritores de memórias do século décimo oitavo”

(gnose abril 1936)